

PEÇA DO MÊS

ABRIL - 1999

NUMERO I Castello de Vide, 19 de abril de 1908

ALTO ALEMTEJO

SEMANARIO INDEPENDENTE

Assinaturas Pagamento avariado, no cheque: Avda. 520. Hora de credito, anno, 800 réis. Os art. assignados leem 20 p. 6 de desconto nas publicações	Propriedade da TYPOGRAPHIA "O FUTURO", de V. Machado & Rodrigues Redacção, administração, composição e impressão na Typ. O FUTURO Carreira de Gima — CASTELLO DE VIDE	Publicações No corpo do jornal. 50 réis Anuncios litha. 20 Posturas permanentes estraño estraño
---	--	---

EXPEDIENTE

A todas as pessoas a quem enviamos o nosso semanario e que não nos queiram honrar com a sua assignatura, pedimos a immediata devolução.

Duas palavras

Circulando hoje o primeiro numero do «Alto Alemtejo», muito a proposito virá dizer qual feição seja a d' este jornal e quizes os propósitos de que estamos animados, ao encetar um empreendimento que a muitos pôde parecer banal, mas e jas responsabilidades todos terão a reconhecer.

Com effeito, a publicação de um jornal, seja um grande quotidiano ou simplesmente um periódico de

suspeita. Do mesmo modo o «Alto Alemtejo» que fica sendo uma tribuna d'onde todos poderão fallar, não permitirá nunca discussões de caracter pessoal, nem réclamos ou elogios excedidos a favor de parcialidades ou individuos.

E' claro que isto não quer dizer que aqui se não fará justiça a todos. Pelo contrario. Se n'este jornal tivermos de censurar desmandos, com prazer apuramos ao reconhecimento publico aquelles que forem auctores de obras meritorias e sincoas venham ellas d'onde vierem.

Da resto, o «Alto Alemtejo», fica sendo particularmente um defensor das regalias de Cast-lló de Vide, e, por ellas pugnará sempre, prudentemente, mas com a firmeza necessaria.

CASTELLO DE VIDE

Pequeno jornal — bôto — goztil d'outra, mas se em futuro teria, fosse um lindo heros e seu lenda-to

frês, á noite se confunde com uma estrella e é um pharol de fé. Que lindo!

Se continuamos, a curva da serra e da encosta da villa alarga-se e dulcifica-se; as fazendas, os soutos e as fontes são igualmente bellas, frondosas e abundantes. Que esplendida perspectiva não é a da quinta do Passal de Cesar Paiva! Como me vem á memoria o ultimo passeio que alli dei com o dr. Serrano! Como elle se enlevava na impressionadora belleza d'aquele sitio, d'onde se vê o cemiterio, onde agora jaz Terra da patria abra-me o tea seio.

Depois, na estrada para Mervão, São Vicente, com o seu cedro secular, que deve ser uma arvore sagrada, e em cujos ramos regulares, quasi horizontaes, podia dormir muita gente; a Moutosa, com a sua bella fonte a sua extensa horta, em seguida a Agua Formosa, e depois a Alaiada, entastando com o começo do Prado. Que trecho tão encantador se da Agua Formosa! Que retire para o

Da Fonte da Villa, assim chamada, porque era a unica que a villa tinha até ha pouco, nasce tambem na ribeira chamado o Ribeiro da Fonte, que vai fluir para uma grande porção de terrenos em declive e bastante férteis, chamados os cháos do R. Beiro da Fonte, e que, por um adagio que persiste na villa, parece que foram os primeiros terracos d'ella intencionalmente cultivados.

Quantos nascos em sitios tão agradáveis, tão bem fazidos, tem obrigação de ser bom. E' esse, jornal—bê-bê—a obrigação que tu tens. Se a não desempenhares, não tu racho, porque não és de madeira, mas rasgo-te e faço-te em fitas.

J. Frederico Laranjo.

Terras vizinhas

No ovecos allegro e quantas vozes banal dos habitantes das terras vizinhas plemo: em telero as grandezas da terra de cada um d'elles

JORNAL ALTO ALEMTEJO
- N.º 1 de 19 de Abril de 1908 -

(1ª Publicação Periódica de Castello de Vide)

CASTELLO DE VIDE
Arcos dos Paços do Concelho

A VIDA EFÊMERA DO DEÃO DA IMPRENSA CASTELO-VIDENSE

«Quem nasce em sítios tão aprasiveis, tão bem fadados, tem obrigação de ser bom. É essa, jornal - bebé – a obrigação que tu tens. Se a não desempenhares, não te racho, porque não és de madeira, mas rasgo-te e faço-te em fitas».

J. Frederico Laranjo, *Alto Alemtejo*, Ano I, n.º 1, de 19 de Abril de 1908

Cerca de três séculos depois do aparecimento da imprensa periódica em Portugal (*Gazetas* da Restauração), 62 anos depois da primeira publicação do género em Évora (*Boletim*, Évora, 26 de Novembro de 1846) e 72 após a de Portalegre (*O Portalegrense*, 1836 – manuscrito), surge em Castelo de Vide o *ALTO ALEMTEJO*, sob a forma impressa de jornal semanário. No entanto, João António Gordo, no órgão de informação republicano *Folha do Leste* (n.º 100, 12 de Fevereiro de 1933, Castelo de Vide, p. 6), relata-nos que antes desta data, concretamente no ano de 1901, em sociedade com o seu parente e amigo João António Silva, ambos colaboradores assíduos do *Distrito de Portalegre*, já tinham tentado editar o primeiro jornal nesta vila, com a designação prevista de *Castelovidense*. Ao que parece, a notícia chegou mesmo a ser avançada por aquele jornal portalegrense, na altura impresso na destacada tipografia Sanches, de Leonardo Augusto, a qual era suposto passar a editar os dois títulos. Assim não aconteceu, resultando numa experiência a tal ponto traumatizante para João Gordo que, ainda naquele quinquenário republicano, desabafa: «todos contavam já com a deliciosa leitura da lamparina, quando as dificuldades começaram de surgir e nos levaram a desistir do proposito em que estávamos». E acrescenta: «Nunca mais, até hoje, voltei a ser picado pelo desejo de ter jornal, e aos que aí tem havido desde essa hora já distante não prestei qualquer parcela de iniciativa nos seus fundamentos. Sempre entendi, depois d'aquela primeira e frustada tentativa, que á imprensa dos meios pequenos, como o nosso estava reservada vida precaria, como tanta vez de facto, aqui temos notado».

A confissão que este popular filho de Castelo de Vide faz naquele documento deixa efectivamente transparecer as enormes dificuldades – tanto de ordem material como humana – que então se levantavam à edição de um jornal; mal grado o clima favorável despontado e dinamizado com a imprensa romântica ou de opinião, que se afirmara no país, sobretudo a partir da segunda metade de Oitocentos. Na maioria dos casos, só mesmo o estímulo suscitado pelas lutas políticas do século XIX tinham criado, acabando estas por terem sido o incremento para a afirmação da imprensa periódica, primeiro nos grandes centros e, posteriormente, noutras localidades onde o debate dos modelos políticos e institucionais foram mais acesos e



Anúncio da “Tipografia Futuro” que imprimiu o jornal *Alto Alemtejo*

suscitado pelas lutas políticas da época levaram a que essas dificuldades fossem suplantadas, tendo mesmo sido determinantes no incremento e afirmação da imprensa periódica - primeiro nos grandes centros e, posteriormente, noutras localidades onde o debate dos modelos políticos e institucionais foram particularmente acessos e polémicos.

João António Gordo tinha razão ao afirmar que «a vida da imprensa nos meios pequenos é precária». Com efeito, a 30 de Agosto de 1908, apenas com quatro meses de sobrevivência à “precariedade” do nosso pequeno meio, morria o *Alto Alemtejo*, bem como a tipografia que o imprimia. E, tão curta existência, contrariava os votos impositivos do Dr. Possidónio Laranjo Coelho que, numa carta publicada a toda a página de rosto (n.º 2 de 26-4-1908), se lhe dirigiu, afirmando: «Faz pela vida e caminha com vontade e com fé. Já que nasceste – toca a viver! E que vivas muito é o que te deseja o teu amigo e visinho».

Também o nascimento do *Alto Alemtejo* para além de ter sido apadrinhado por este ilustre castelovidense, sócio efectivo da Academia das Ciências e Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, foi-o igualmente por outra figura não menos insigne desta vila: o par do reino Dr. José Frederico Laranjo - na altura, com 62 anos e

BORDADO...

*Levo dias a bordar
Um bordado bem bonito.
É um trabalho bendito,
que eu faço sempre a cantar*

*O «ponto» será vulgar...
Mas não importa... Repito:
É um bordado exquisto
E d'um gesto singular...*

*Que lindo! Ouvi: Minha mãe
Diz-me, às vezes, com carinho:
Filha, borda-me isto bem...*

*E passa-me para as mãos,
Todo roto e em desalinho,
O fato de meus irmãos.*

Maria da Luz.



Mateus da Cruz Maniès (1886-1951): um dos fundadores e principais redactores do *Alto Alemtejo*

uma larga intervenção jornalística (em Portalegre, colaborou no *Distrito de Portalegre* a partir de 1884, tendo, em 1886, assumido funções de seu director político, escreveu também para *O Portalegrense* e ainda para *A Plebe*, periódico seu apoiante político). Estas notáveis participações viriam a merecer destaque na notícia difundida pelo *O Districto de Portalegre* (26-4-1908), que sob o título do «registro do nascimento do “Alto Alentejo”», informava: «nasceu e foi baptisado solemnemente um pequeno semanário, que se diz independente (...) Foram testemunhas do nascimento e baptismo o Par do Reino, dr. José Frederico Laranjo, e o antigo deputado da nação, dr. António de Mattos de Magalhães, e diversos embuçados com capa hespanhola». E, com idêntica ironia, a propósito do simbólico poema «Bordado...» inserto na secção «Letras»,

aquele “colega” portalegrense vai mais longe, afirmando: «Como era dia de festa de Paschoa, poz a corôa de Nossa Senhora da Luz, uma sr.^a que não temos a honra de conhecer, mas que se appellida Maria da Luz, e que escreve no periodico uma bem linda poesia, que finda com um lindo pensamento. Por fim, o artigo remata pondo em causa os conhecimentos de História do articulista, que se assinava por «Sémina» (Mateus Maniés), acusando-o de ele se meter «a fazer critica» e, para o efeito, acrescenta afirmando: «para fazer critica é preciso saber história e para quem acaba de nascer, parece-nos sciencia de mais, sciencia que se pôde voltar do avêssô. Desejamos ao pequeno longa e próspera e santa vida. Quem nasceu n’uma rua cujo titulo acaba por Santa, não deve desejar outra orientação».

Naturalmente que esta notícia não poderia passar sem a resposta do *Alto Alentejo*, o qual prontamente riposta: «...“O Districto” parece não concordar com o seu director e nosso illustre amigo e patricio que não há muito ainda escrevia no seu jornal “que a politica da provincia era desprezível e mesquinha e muito differente da politica da capital”. E com o mesmo laconismo, remata dizendo: «Magoados, mas sem espirito de offensa, isto respondemos ao “Districto”, a quem nos liga laços de muita estima tanto quanto é certo ter pela sua redacção passado a maior parte dos nossos collaboradores, embora embuçados muitas vezes na capa hespanhola» (n.º 3, p. 1 e 2).

Para a direcção do *Alto Alentejo* chegou a estar anunciado (não conseguimos apurar se na imprensa de Portalegre ou se apenas à viva voz) o nome do dr. João Luiz Cordeiro, que, declinando o convite e para que não existissem quaisquer dúvidas, solicitou à redacção do nosso pioneiro jornalístico a publicação desse esclarecimento (n.º 2, p. 2). Admitimos que este motivo terá também contribuído para que o cabeçalho, a partir do terceiro número (portanto imediatamente a seguir ao anúncio), passasse a designar o nome de Alfredo António Rodrigues como Director, cargo que até então era omisso.

Curiosamente, viria a ser o dr. João Luís de Carvalho Cordeiro que appareceria, a 14 de Fevereiro do ano seguinte, como um dos fundadores do semanário *O Castellovi-dense* (dito «independente» mas também com uma clara tendência pró-regenadora), propriedade da *Typographia Estacio e Casaca*. Juiz Auditor, líder do Partido Regenerador, professor e primeiro director da Escola Distrital de Portalegre (mais tarde Magistério Primário), o dr. João Luís, escrevendo sob o pseudónimo de «Arthur de Mello», foi mesmo o seu principal esteio, colaborando ininterruptamente até ao fim da sua primeira edição (5-11-1911). Certamente que o seu gabarito intelectual e a sua importante experiência jornalística (recusada um ano antes à redacção do *Alto Alentejo*!), adquirida pela colaboração prestada, conjuntamente com César Videira, ao jornal *Correspondência de Portalegre, Órgão do Partido Regenerador* (11-7-1897 a 20-1-1901), bem como ao *Notícias de Portalegre* (3-7-1907 a 1-7-1908), terão sido determinantes na sustentação (três anos), sobriedade e qualidade apresentada na composição e estrutura deste sucessor do nosso primeiro periódico castelo-vidense.

Imaginamos, portanto, o difícil e problemático contexto em que nasceu o *Alto Alemtejo*, aliás bem explicitado pelo testemunho que a professora Adriana de Brito Inchado nos deixa: «Pouco depois da aparição d'aquela (*Alto Alemtejo*), cortejámol-o com o nosso artigo “Devaneios da Alma”, e se pudesse presumir que esses devaneios, filhos d'um espirito doentio poderiam por qualquer forma concorrer para o seu desditoso fim, eu teria recolhido a Penates e os meus devaneios ficariam só no espirito de quem os concedeu. Julgo porém não ser assim, porque quando elle nasceu, appareceu logo rachitico, pelo que todos previram a sua morte proxima» (*O Castellovidense*, ano 1, n.º 7, 28 de Março de 1909, p. 3).

Mas há existência do *Alto Alemtejo* - apesar de modesta, efêmera e conturbada -, tem que se lhe reconhecer o mérito de, como refere António Vicente Raposo Repenicado, ele ter-se constituído numa fundamental «Tentativa que teve o condão de estimular, de espevitar o meio, agitando-o com algumas ideias generosas e ingénuas, preparando-o, contudo, para novas tentativas jornalísticas» (*Folha do Leste*, n.º 100, 12-2-1933).

CONTEÚDO E ORGANIZAÇÃO

É óbvio que a emergência e o crescimento da imprensa em Castelo de Vide se deveu ao esforço e empenho de uns quantos indivíduos detentores de uma educação literária profunda, que expressando a orientação da aristocracia ou da burguesia ilustrada, marcaram a sociedade castelo-vidense no final do século XIX e primeiros anos do século XX. Por essa razão, as páginas do *Alto Alemtejo*, ainda que formalmente modestas mas linguisticamente elegantes, românticas ou humorísticas (bem como as de muitos outros que lhe sucederam),

revelam importantes questões do nosso passado. Hoje, elas constituem um repositório de informação vital para o estudo da história local, quer ao nível das personagens, quer ao nível das instituições, o mesmo é dizer, dos segmentos que melhor caracterizam e expressam os interesses sociais, morais, culturais, económicos e políticos viticastroenses.

Números e datas de publicação do *ALTO ALEMTEJO*

ANO	NÚMERO	DIA	MÊS	ANO
I	1	19	IV	1908
I	2	26	IV	1808
I	3	3	V	1908
I	4	10	V	1908
I	5	17	V	1908
I	6	24	V	1908
I	7	31	V	1908
I	8	7	VI	1908
I	9	14	VI	1908
I	10	21	VI	1908
I	11	5	VII	1908
I	13	12	VII	1908
I	14	27	VII	1908
I	15	9	VIII	1908
I	16	23	VIII	1908
I	17	30	VIII	1908

Dos poucos temas desenvolvidos, o *Alto Alemtejo* dá particular ênfase ao conturbado panorama político nacional, mas este muitas vezes aparecendo relacionado com a ausência de instrução e cultura popular. Num artigo que poderá ser entendido como o seu programa editorial: «o que devera constituir a missão d'um jornal provinciano sera a educação das classes populares e da propria burguesia; mas se nem sempre um periodico póde ser uma escola de instrucção primaria, já é prestar um serviço á educação das classes pobres não fazer nas suas columnas defesa de causas ruins, nem propaganda em favor de entidades suspeitas» (n.º 1, p.1). De facto, depois dos artigos políticos sobre o estado da nação são os dedicados à instrução e ao ensino, nas suas diferentes formas de concretização (escolar, cívica, profissional, etc.), que viram um desenvolvimento assinalável. Miguel Soares, um dos redactores que mais abordou o tema, chega a afirmar que «O nosso povo a “eterna creança”, não tem a instrucção e educação civica, que devia ter, como pertencente a uma nação que se orgulha de contar, entre os seus filhos, um João de Barros, um Camões, Vieira, Manuel Bernardes, Herculano, Garrett, Castilho, João de Deus e tantos outros lustres», e este articulista (que ficou com o nome inscrito na parte recôndita da história de Castelo de Vide por ter morrido precocemente) vai mesmo mais longe, acusando a opinião publica de não existir e que o nosso povo «pensa pela cabeça ôca d'aquelles, que muitas vezes promettem coisas que nunca terão realidade» (n.º 15, p. 1). A instrução popular, ou melhor, na opinião dos redactores, a falta dela, é o tema de fundo dos últimos números, com extensos artigos firmados por Miguel Santos Soares (já director do jornal) e por António Vicente Raposo. O primeiro, num discurso de inegável interesse e evidenciando uma extrema preocupação pela qualidade do Ensino (secundário) de então, pede para que «os governos promovam a criação de boas escolas nas povoações onde ainda as não há construam edificios convenientemente apropriados para tal fim, melhorem as pessimas condições do professorado, publiquem uma lei que obrigue “rigorosamente” a frequencia nas escolas até aos 12 anos, auxiliem em tudo e por tudo aquelles que, por serem pobres, não podem estudar, e o povo comprehenda enfim que a escola é o templo da instrucção, como os albergues são os templos da caridade» (n. 16, p. 1).

Mas, o assunto quase permanente, que como já foi referido diz respeito à análise política, surge logo no segundo número, num artigo intitulado «Como Portugal tem decahido». Em grande erudição – muito ao estilo do seu autor que teve instrução seminária – , Mateus da Cruz Maniés, aliás «Sémina», começa por argumentar que «o baixel alquebrado da patria singra com diffiuldade no mar revolto destes tempos calamitosos, agitado, violentamente, pela pollitica facciosa e má»; e releva ainda mais afirmando: «Nestes momentos tão angustiosos da nossa nacionalidade, em vez de os politicos se estreitarem n'um amplexo de subido patriotismo, para, a todo o transe, evitarem a gargalheira que poderá, quiçá, escravisar Portugal, degladiam-se, vergonhosamente, nas luctas nocivas de interesses partidarios».

Pela leitura deste jornal observa-se que a vertente político/ideológica pró-Partido Regenerador é assumida por alguns dos redactores, definindo bem a orientação do jornal e colocando-o em contradição com diversos testemunhos – por vezes dos mesmos redactores - que fazem questão de sublinhar, insistentemente, que o periódico é «incolor»; como por exemplo V. d'Oliveira, ao escrever: «Os seus proprietários Viuva Machado & Rodrigues, foram de opinião que este fôsse independente e impolítico na localidade, attendendo á mesquinhez que ella aqui nos manifesta dia a dia. E bem pensaram na verdade, porque não há bebida capaz de produzir tão atrevidas piteiras como a politica mesquinha, que se não come nem bebe, se bem que muita gente boa come e bebe regaladamente a sua sombra». Todavia, não é menos frequente o *Alto Alemtejo* apelar para que, acima do posicionamento ideológico e da defesa dos interesses políticos, se coloque a unidade dos interesses castelovidenses, chegando mesmo a dizer que «A politica só devia existir nos 3 dias antes das eleições, e terminar no dia immediato ao da sua realização, continuando todos d'ahi por diante a pugnar pelo engrandecimento da sua terra».

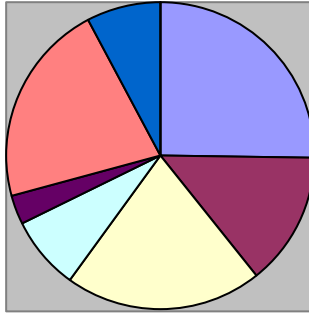
Mas para além destes comentários à situação política, quer nacional, quer concelhia, o conjunto dos dezassete números mantiveram com regularidade outras secções temáticas, das quais destacamos:

- **História local:** vertente importante e de imprescindível leitura, surge quer em artigos de títulos diversos, quer pelo relato das «ephemerides de Castello de Vide» assinadas por «S.». Julgamos que a responsabilidade desta secção também terá sido de Miguel Soares, pois sabemos ter ele possuído um numeroso conjunto de cadernos manuscritos, com apontamentos e diversas notas sobre a história do Concelho, elaboradas por Francisco Xavier Tavares Rosa, os quais, depois da morte daquele jornalista, foram adquiridos pela Câmara Municipal sem que chegassem até nós.

- **Literatura:** expressa em prosa poética ou em poesia, sobretudo pelo poeta que firmava pelo nome de Carlos d'Almeida Lusitano. Em forma de poesia, aparece também a mordaz «gazetilha» mas em três números apenas.

- agricultura

Notas mundanas: em jeito de coluna social, todos os números apresentam notícias breves sobre personalidades e famílias, sobretudo anunciando doenças, necrologias, promoções, casamentos, viagens, férias, aniversários e nascimentos. Nestes, o derradeiro a ser referido é o do saudoso mestre Ventura Porfírio, que nasceu num «parto bastante difícil».



(Será recordado na *Peça do Mês* de Agosto próximo.) Outras manifestações sociais e religiosas, como concertos, festas, representações teatrais, garraizadas, romarias, procissões, missas, etc. ocupam igualmente uma parte significativa das páginas do *Alto Alemtejo*, por vezes preenchendo na íntegra a terceira página. Destes breves «Acontecimentos» destacamos a notícia sobre o julgamento de uma mulher de 84 anos, onde se afirma que «a auctoridade mandou para juízo, acusada de exercer o mister de parteira, sem para isso estar habilitada com diploma das escolas» e se acrescenta: «Esta mulher, que nunca foi a uma cadeia, entra agora ali para, segundo a expressão; dar uma satisfação á Lei e á Sociedade offendidas». O jornal sugere então que sobre o presente caso «occorria perguntar aos mantenedores da Lei, como consentiriam que a respeitabilissima matrona fosse por tantos annos offendida, antes de em Castello de Vide haver parteira diplomada...»

- **Publicidade:** a última página, dedicada em exclusivo a anúncios, manteve a publicidade a quatro casas, que, para além da própria tipografia, eram: a «empresa de viação de trens d' aluguer» de João M. Beliz (ferrador), a padaria de António M. Bugalho que procedia à «venda de farinhas de 1.^a, 2.^a, 3.^a e 4.^a qualidades, (...) a preços sem competencia», bem como «pão de kile, de 750, e 500 grammas» e, por último, à oficina de serralheiro de Francisco Borges Tristão, que para além de executar «todos os trabalhos que lhe [diziam] respeito» também concertava «machinas de costura».



GAZETILHA

Disse há já dias alguém
Que do Castél' aos
«mirantes»,
Não pôde pôr pé ninguem.
Porque d' aquêla maneira
Não agrada aos visitantes.

Achâmos que é verdadeira
A bem feita observação,
Porque d' aquêla maneira
O castélo é estrumeira,
É um fóco d' infêção!

Nós julgâmos muito justo
Que a Cam'ra Municipal
De «adeantar» deixe o susto,
Porque não é grande o custo
Em pôr fim áquele mal.

Mas, já vamos acabar,
A «Gazetilha» tem fim...
P'ra semana hemos falar
Nos taes bancos d' espaldar,
Que inda dormem no jardim...

Não somos nenhum atlante,
Vae pouco de cada vez...
Não somos como o «Gigante»
Que, intransigente e ovante,
Dá por dois ou três!...

*Deixar vamos a terra encantada
Esta terra de tantas doçuras -
Linda Cintra, formosa e amada,
Que é a causa das nossas torturas*

*Tristes, vimos, agora dizer,
A Castello de Vide saudoso,
Ao torrão que nos viu florescer,
Um adeus suspirado e amoroso*

C. Almeida Lusitano

Principais Redactores, colaboradores e respectivos títulos

Alcyon (José C. Coelho): n.º 1 «Lux»; n.º 3, «Lettras. Cecem»; n.º 4 «Marina!» (Excerpto de um livro que nunca será publicado); n.º 7 «A poesia na religião»; n.º 9 «Philosophia»; n.º 11 «Philosophia II»;

A. Nunes (ou A. N.): n.º 3 «Horas tristes»; n.º 6 «Morrer d’amor!», «A Segada!»; «Phantasias. Do amor ao scepticismo».

Carlos d’Almeida Lusitano: n.º 1, «Ballada de despedida á Cintra do Alentejo»; n.º 3 «Talvez»; n.º 4 «Luz!»; n.º 5 «Um beijo»; n.º 16 «Recordando... A minha Irmã»; n.º 17 «Devaneios da Alma...»

S.: n.º 1, «Novas e velhas – ephemerides de Castello de Vide»; n.º 2 «26 d’abril de 1871 – Festa em Honra de Nossa Senhora da Victória pela Sentença a favor do Azylo dos Cegos»; n.º 3, «Antiguidades – A antiga fabricação de pannos “Os Cardadores”»; n.º 4 «10 de maio de 1896 – Incendio do Theatro D. Luiz Filippe»; n.º 7 «24 de maio de 1829 – É preso em S. Julião da Barra, Caetano José de Carvalho»; n.º 8 «1 de Junho de 1512 – D. Manuel I concede novo foral a esta Villa»; n.º 10 «24 de Junho de 1442 – sentença de D. Manuel para que, dadas as terras da Meada aos seus moradores, dêem as que sobejarem aos de Castello de Vide»; n.º 11 «28 de junho de 1907 – Manifestações de regosijo n’esta villa por ter sido publicado o decreto que authorisa a construcção, por via larga, do caminho de ferro de Extremoz a Castello de Vide»; n.º 12 «12 de Julho de 1780 – Nasce n’esta villa José Xavier Mousinho da Silveira»

Sémina (Mateus C. Maniés): n.º 1; n.º 2 «Como Portugal tem decahido!»; n.º 3 «Incoherencia Politica»; n.º 4 «Situação de Portugal»; n.º 8 «Aos operários de Castello de Vide»; n.º 10 «Commemoração da Guerra Peninsular»; n.º 11 «Como Portugal pôde prosperar»; n.º 11 «A estrada da Senhora da Penha»; n.º 15 «A sociedade moderna»

Lot.: n.º 2 «A semana Passada»; n.ºs 4, 5, 6, 7, 8, 12 «Chronica da semana»;

Maria Candida: n.º 10 e 15 «Idyllios»

Mateus C. Maniés: n.º 12 «José Xavier Mousinho da Silveira»

Miguel dos Santos Soares: n.º 6 «Culto da Bandeira Nacional»; n.º 15 e 16 «Falta d’instrução»

Outros colaboradores ou correspondentes com artigos reproduzidos

Adriana de Brito Inchado: n.º 14 «Devaneios da alma»

António (de Matos) Magalhães: n.º 1 «Terras vizinhas»

António Vicente Raposo: n.º 16 «Educação»

Arievilo n.º 3 «Dialogo entre dois amigos»

César Videira: n.º 12, carta a propósito do artigo «A estrada da Senhora da Penha» de Mateus Maniês

C.M.: n.º 6 «Kodak»; 8 «De raspão»

D. Aurélia; n.º 1 «Estrada. Ao começar»

J.: n.º 9 «Instantaneo»

Jachintho Flôr: n.º 14 «O Agonisar da nossa Independência»

José Flor: n.ºs 6 e 9 «A propósito d'uma aclamação»

José Frederico Laranjo: n.º 1, «Castello de Vide»:

L.A.C.: n. 17 «Phantasias. O degredado»

Maria da Luz: n.º 1

Matheus Fortunato Soares: n.º 3, «Saudando»

Nunes Oliveira: n.º 14 «Saudades – versos d'um aldeão»

Possidónio Laranjo Coelho: n.º 2 «Carta ao novo jornal “Alto Alemtejo”»; n.º 13 «Commemoração do Centenário da Guerra Peninsular»

V. d'Oliveira: n.º 1 (s/t)

Correspondente: n.º 4, 5, 6, 7 e 9 «Marvão»

Um povoense: n.º 6 «Biographia»

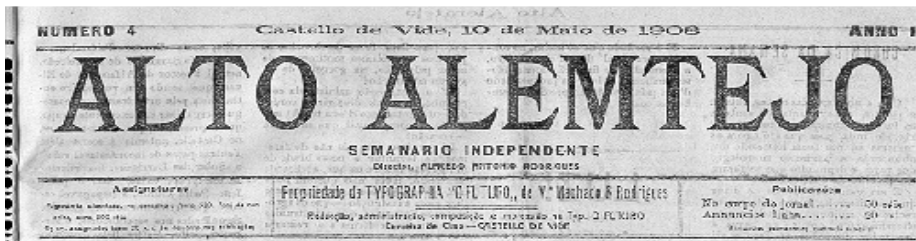
Simplicio F. Pimentel: n.º 16 «Correspondências; de Montalvão»

Zebro: n.º 14 «Leis ao Abandono. O sr. Visconde de Olivã, em Côrtes, profere um vehemente discurso sobre o Jogo e a Crise alemtejana»



Anúncios insertos no *Alto Alemtejo* (n.º 1, p. 2)

Agradecemos, uma vez mais, a Pedro Sá, pelo seu incedível trabalho na procura de referências bibliográficas, bem como ao colega Miguel Teotónio Pereira, pela prestimosa colaboração na pesquisa documental no nosso Arquivo Municipal e ao sr. Cap. José Isabel Lourenço pelos documentos referentes a Mateus Maniês.



O JORNAL ALTO ALEMTEJO

Título: **Alto Alemtejo.**

Subtítulo: Semanário Independente.

Periodicidade: Semanário.

Limites temporais: 19-4-1908 a 30-08-1908.

Total de números publicados: 17 e uma folha avulsa intitulada «Por causa de uma mantilha. Resposta à carta inserta no n.º 11 do *Alto Alemtejo*», assinada por «um poeta em miniatura» e com a designação da tipografia.

Formato: total - 30 x 42 cm
impressão: 26 x 36.5 cm
título: 26 x 6.5 cm

Número de páginas: 4, com 4 colunas, a 6 cm de largura cada, nas três primeiras páginas e a última, a duas colunas, somente destinada a publicidade.

Cor: impressão a preto.

Propriedade: Tipografia “O Futuro” da Viuva, Machado & Rodrigues, Castelo de Vide.

Sede: Carreira de Cima (R. Bartolomeu Álvares da Santa), Castelo de Vide.

Redacção, administração, composição e impressão: Tipografia “O Futuro” de V.ª Machado & Rodrigues

Direcção: Alfredo António Rodrigues (apenas explícito a partir do n.º 3), e Santos Soares nos dois últimos números (n.ºs 16 e 17)

Principais redactores: José C. Coelho (pseud. «Alcyon»); Carlos d’Almeida Lusitano; Lot; António Magalhães, Mateus da Cruz Maniés (pseud. «Sémina»), Miguel Santos Soares (pseud. «S.»?), Francisco Maria Beliz

Tendência: Regenerador.

Preço: 520 réis ano e 800 réis ano para fora do concelho, com 20 % de desconto para os assinantes.

Publicidade: 50 réis no corpo do jornal e 20 réis por linha de anúncios, prevendo contracto especial para anúncios permanentes.

Depósito: Arquivo Histórico da Biblioteca Municipal de Castelo de Vide, colecção completa (única) em volume encadernado.